Discurso de Posse de Luciano Pinheiro Klein Filho

Caríssimo Presidente do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), Educador Ednilo Soárez.

Digníssimas autoridades aqui representadas.

Prezadas Consócias e Consócios.

Minha família.

Meu pai, melhor amigo e meu exemplo.

Minha mãe que do outro Plano da Vida me acompanha os passos.

Distintos convidados.

Antístenes, discípulo de Sócrates e que ao seu lado permaneceu até a sua condenação à morte, disse: "A Gratidão é a memória do coração". Com a citação desta inspirada sentença, gostaria de, inicialmente, externar meu reconhecimento a todos quantos, de alguma forma, contribuíram para que meu nome passasse a integrar o honroso quadro de associados efetivos desta veneranda e mais antiga Instituição cultural do nosso Estado, na eleição de 1º de dezembro de 2014.

Agradeço sensibilizado, as palavras de Eduardo de Castro Bezerra Neto, compreensivelmente reduplicadas e excessivas, em razão de uma amizade alimentada, permanentemente, há quase duas décadas. Agradeço o acolhimento fraternal e gentil do nosso Presidente, Educador Ednilo Soárez bem como a afetividade e o incentivo do consócio José Augusto Bezerra, atual Presidente da Academia Cearense de Letras, que tive o prazer de conhecer, há dois anos, por ocasião do lançamento do livro de um amigo comum, tornando-me, desde então, seu admirador. Agradeço à Comissão de Verificação de Merecimento e aos associados efetivos que, sufragando meu nome na recente eleição, trouxeram-me ao seu convívio. Meu reconhecimento, também, à geógrafa e amiga Marinez Alves Feitosa e a todos os funcionários do Instituto do Ceará, sempre lhanos e atenciosos para comigo.

Quero por último, penhoradamente, externar, mais uma vez, sensibilizado, preito de reconhecida gratidão aos amigos Pedro Alberto de Oliveira Silva, Osmar Maia Diógenes e Francisco Fernando Saraiva Câmara que acolheram meu nome sendo, generosamente, signatários da solicitação de encaminhamento de minha candidatura a associado efetivo do Instituto do Ceará. Quanto a este último nome, por dever de consciência não posso deixar de comentar o carinho paternal com que sempre me tratou. Fernando Câmara acreditou, desde o princípio, no trabalho que realizo como historiador, acalmando-me o coração diante do susto que tomei com a indicação de meu nome.

Senhoras, senhores.

Ao longo da nossa trajetória existencial, há momentos que marcam, indelevelmente, as nossas vidas. O nascimento de um filho, a celebração de uma data importante na convivência familiar, a primeira aprovação no vestibular, os inesquecíveis natais dos idos tempos da infância. São momentos que, evocados através das nossas nostálgicas lembranças, robustecem a alma, ensejando-a prosseguir com determinação e galhardia no enfrentamento das nossas vicissitudes existenciais nessa às vezes árdua, porém necessária caminhada que empreendemos na busca do equilíbrio íntimo, da paz interior.

A presente solenidade de posse reveste-se de um significado muito importante para mim, tornando-se mais um desses marcantes momentos. Na esteira das reflexões que tenho feito desde dezembro do ano passado, pude constatar que o sonho de um jovem acadêmico de História da Universidade Estadual do Ceará, hoje se concretiza, inobstante, ainda me custe crer na sua realidade. Seria como, valendo-me da informalidade lingüística da juventude, aliás bastante expressiva, o subconsciente me soprasse: "parece que a ficha ainda não caiu".

Desde criança sou um apaixonado pela História, paixão tão arrebatadora que me fez, após ter cursado duas outras faculdades, optar, por diletantismo, sentar novamente nos bancos acadêmicos a fim de estudar, com mais apuro, a "Grande Mestra da Vida". Hoje dela vivo, mercê do recompensador ofício de educar gerações, trabalhando, faz mais de dois decênios, no tradicional Colégio Militar de Fortaleza.

Durante a preparação deste discurso, enquanto evocava lembranças afetivas, vasculhando os escaninhos da memória, constatei que, por uma dessas curiosas e estranhas coincidências do destino, no ano em que sou

agraciado com esta grande honraria, completam-se, exatamente neste mês de março, vinte anos de minha primeira incursão, como pesquisador, neste sagrado espaço da cultura cearense.

Entretanto, meu primeiro contato com o nome "Instituto do Ceará" deu-se ainda na infância. Leitor compulsivo, por influência paterna, de tudo quanto me caía nas mãos, estava concluindo a leitura do livro "O Saci" de Monteiro Lobato. Na inocência infantil acreditava ser possível capturar um Saci Pererê, conforme as sugestões dadas por Pedrinho, o neto de D. Benta, no inesquecível Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Com tendência inata à pesquisa, resolvi buscar outros livros a fim de melhor conhecer a fauna, a flora e a geografia cearense para ter êxito na captura do folclórico personagem, durante as férias escolares num sítio de meus pais, na cidade de Caucaia. Foi então que me deparei com alguns livros da lavra do Dr. Renato Braga, constantes da biblioteca de minha casa, sobressaindo-se, dentre outros, um que me chamou especial atenção: "Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", letra A, editado pela Imprensa Universitária do Ceará. O interesse pelo velho livro de capa amarela deveu-se principalmente em face da dedicatória do Autor a meu pai, e pelo fato de, no final da apresentação dessa obra, Renato Braga ter mencionado o seu endereço residencial: Rua Senador Alencar, 1076, que era, curiosamente, o mesmo onde eu morava. Procurei, então, meu pai que me esclareceu, devidamente, informando ter comprado a casa do Dr. Renato em 1967, um ano antes do falecimento desse grande naturalista nascido no atual Estado do Acre, a 20 de dezembro de 1905.

Soube, depois, que Raimundo Renato de Almeida Braga, Professor Catedrático de Fitologia da Escola de Agronomia, a quem rendemos tributo pela celebração dos 110 anos de seu nascimento, tomara posse como associado efetivo do Instituto do Ceará em 1944, tornando-se, posteriormente, o seu Presidente, ao substituir a Thomaz Pompeu de Souza Sobrinho, entre 9 de novembro de 1967 e 20 de março de 1968, vindo a falecer no dia 13 de junho desse mesmo ano.

O velho casarão da Senador Alencar, adquirido por Renato Braga no ano de 1940, ainda sobrevive ao tempo, preservado pelo meu pai, seu morador há 48 anos. Nessa casa de meio quarteirão, erguida durante a década de 1920, o naturalista acreano-cearense produziu seus principais trabalhos e viveu momentos de enlevo e de alegrias como, por exemplo, a sua eleição a associado efetivo deste Sodalício, mas também, ali experi-

mentou talvez a prova mais acerba de sua jornada terrestre: o falecimento de um filho querido.

Homem bom, dele guardo na lembrança um episódio que me foi narrado por um amigo de infância, seu vizinho. Na década de 1950, vendo a garotada soltar pipas na frente de sua residência, chegou de mansinho, mãos para traz, e com uma tesourinha cortou as linhas dos brinquedos artesanais, para desespero da criançada. Depois, compadecido da tristeza dos meninos, deu-lhes dinheiro a fim de comprarem material para a feitura de novas arraias, explicando, carinhosamente, que assim procedera para evitar algum acidente grave, caso as pipas se enganchassem na fiação.

Mas, a primeira vez que adentrei os umbrais do Palacete de Jeremias Arruda foi no ano de 1990, quando vim prestar a derradeira homenagem a um amigo, membro desta Casa, o Professor Manuel Lima Soares, falecido a 6 de maio daquele ano. "Néo", como carinhosamente era chamado, fora um dos meus orientadores na iniciação, em 1985, nos estudos espíritas, através do Curso Básico de Espiritismo, ministrado na sede da Comunhão Espírita Cearense, curso idealizado pelo Professor e Amigo Ary Bezerra Leite.

E foi como conseqüência desses estudos doutrinários, que aqui cheguei, em março de 1995, querendo compreender o processo desenvolvimentista do Espiritismo no Ceará, estado que naquela década quadruplicara o número de adeptos da doutrina sistematizada por Allan Kardec. Lembro-me como se hoje fosse. A expectativa de um jovem investigador da Ciência de Heródoto diante da possibilidade de conversar com Geraldo da Silva Nobre, uma referência nos estudos historiográficos relacionados ao Ceará.

O Professor Geraldo acabara de deixar a presidência do Instituto, voltando-se aos seus estudos e a dar orientações sobre fatos relacionados à história local àqueles que o procuravam. Atendeu-me amavelmente esclarecendo, porém, para tristeza minha não existir quase nada relacionado à História do Espiritismo no Ceará, asseverando ser este assunto ainda um campo virgem, pela inexistência de estudos a respeito. Afirmou conhecer boas pesquisas relacionadas ao Catolicismo e ao Protestantismo cearense, porém praticamente nada sobre o meu objeto de pesquisa.

Foi então que decidi encetar minhas buscas visando ao resgate da memória do Espiritismo no Ceará. Trabalho talvez mais arqueológico e menos historiográfico, conquanto, infelizmente, não houve, no passado, lideranças espíritas preocupadas em preservar documentação que, em

nossos dias, possibilitasse a realização de trabalhos, mormente sobre a fase pioneira da implantação dessa doutrina em nosso Estado.

Como resultado desse esforço, publiquei alguns livros destacando entre estes: "Memórias do Espiritismo no Ceará", e algumas biografias sobre importantes personalidades do Espiritismo no Brasil, como Vianna de Carvalho, Chico Xavier, Divaldo Franco e Adolfo Bezerra de Menezes. O livro sobre este último, atualmente na terceira edição, serviu de base à realização de um filme e a um documentário acerca da vida do caridoso médico do Riacho do Sangue, divulgados nacionalmente. Nosso Instituto do Ceará serviu de cenário para uma das entrevistas, e o querido Amigo Eduardo de Castro Bezerra Neto, sobrinho trineto de Adolfo Bezerra, foi um dos entrevistados, perpetuando a imagem do belo Palacete de Jeremias Arruda, através dessa produção local, lançada nacionalmente e assistida por meio milhão de pessoas.

Não poderia de igual forma deixar de registrar, nesta alocução, um fato que contribuiu, decisivamente, ao meu prosseguimento nessas pesquisas: O incentivo que recebi do saudoso historiador Armando Souto Maior. Em 1997, ele veio a Fortaleza e ministrou, na Universidade Estadual do Ceará, uma palestra sobre o centenário do trágico desfecho do episódio de Canudos.

Souto Maior, cujo nome marcara a minha adolescência nos anos 1970, por causa dos seus livros didáticos adotados nacionalmente por inúmeros colégios, tornara-se espírita desde 1994, mudando radicalmente a sua maneira de pensar e encarar a vida. Abandonara o agnosticismo rendendo-se às teses espíritas para perplexidade de muitos que o conheciam. Para minha surpresa, recebi um telefonema do Professor Agileu Gadelha, da Universidade Estadual do Ceará, comunicando-me que Armando Souto Maior, ao desembarcar no aeroporto, perguntou aos que o recepcionavam se me conheciam pois queria falar comigo. Confesso, fiquei sem entender absolutamente nada. Estava com 33 anos e era desconhecido do meio acadêmico.

Diante da insistência do Professor Agileu, meu colega no Colégio Militar de Fortaleza, fui à Universidade naquela noite e assisti à preleção sobre Canudos. Ao terminá-la, o Professor Armando veio ao meu encontro e falou euforicamente de suas pesquisas e da publicação de algumas delas no "Jornal Espírita de Pernambuco". Afirmou conhecer o trabalho que eu realizava acompanhando-o de Recife. Deu-me alguns exemplares da folha

espírita que editava na Capital pernambucana, falou emocionadamente sobre o seu processo de adesão ao Espiritismo e me convidou para cursar o Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco, o que, infelizmente, por motivos profissionais e familiares não pude atendê-lo naquele momento.

Quando nos despedíamos perguntou se poderia levá-lo ao hotel onde estava hospedado para prolongarmos a conversa. No trajeto aconteceu um fato engraçado. Ao entrar no carro, pedi que pusesse o cinto de segurança, porquanto naquele ano havia se intensificado, na Capital alencarina, a fiscalização do seu uso. Sorridente, disse-me, porém, que não usaria o cinto porque "não gostava de ser apertado". E assim foi. Por sorte não recebi nenhuma multa, algo que, aliás, hoje, sinceramente, até lamento, conquanto seria uma honra constasse na minha biografia uma multa de trânsito recebida por causa desse renomado historiador que marcou a minha geração.

Armando incentivou-me à concretização de um projeto que idealizamos, naquele mesmo ano: a fundação do Centro de Documentação Espírita do Ceará, instituição que, durante uma década, prestou relevante serviço às pesquisas e preservação da memória do nosso movimento espiritista.

Guardo desse historiador que encerrou sua jornada terrestre, em 2006, cuidando de crianças carentes no Recife, num lar por ele mantido, alguns conselhos e ideias compartilhadas, algumas delas mais tarde perpetuadas no "Jornal Espírita de Pernambuco", edição de janeiro de 2001, do qual era redator, num artigo intitulado "O Espiritismo visto por um Historiador", em que disse:

"O historiador é um homem que, de certa forma, carrega sobre seus ombros as dores do mundo. Vê mais e, conseqüentemente, sofre mais do que qualquer outro profissional que questione e se espante continuamente com o ser humano. (...) Antes de minha aceitação da teoria espírita, eu era pouco complacente, algo vaidoso, auto-suficiente e tinha muita dificuldade em perdoar. Fazia da ironia uma regra de conduta e do orgulho intelectual um escudo. Depois, é claro, minha personalidade sofreu grandes transformações. Naturalmente ainda tenho seqüelas do passado, mas quem não as tem? Percebi, contudo, que havia dado um grande passo no meu processo evolutivo."

Senhoras, senhores.

É de praxe fazer-se nas solenidades de posse do nosso Instituto, o elogio daquele cuja vaga se preenche. O momento, todavia, não comporta um estudo pormenorizado da biografia dos ilustres consócios que, em seu tempo, contribuíram em favor desta Casa. Por isso compartilho com os presentes a este ato solene um ligeiro perfil biográfico de meu antecessor, Aroldo Mota.

José Aroldo Cavalcante Mota é natural de Marruás, Município de Tauá¸ sertão dos Inhamuns. Nasceu a 27 de janeiro de 1933. Advogado especializado em Direito Eleitoral, Administrativo, Constitucional, Partidário e Municipal, exerceu inumeráveis atividades, ao longo de sua vida, pródiga de realizações.

Trabalhou no antigo Departamento de Correios e Telégrafos, instituição pela qual se aposentou. Exerceu o cargo em comissão de Delegado de Polícia de Furtos e Roubos do Ceará. Foi Deputado Estadual por duas legislaturas na Assembléia Legislativa do Ceará, Assessor Político e Jurídico do gabinete da Prefeita de Fortaleza Luizianne Lins e Assessor Chefe da Controladoria Geral do Município de Fortaleza.

Professor Honoris Causa da Universidade Regional do Cariri, foi, também, Presidente do Instituto Jurídico Eleitoral e Histórico do Ceará, Membro do Instituto Brasileiro de Direito Eleitoral e Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Condecorado com inúmeras medalhas é oportuno destacar a do "Centenário Clóvis Beviláqua", do Ministério da Educação; a medalha "Advogado Padrão", concedida pela Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Ceará, e a Medalha do Mérito Eleitoral, do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Como reconhecimento de seu valor intelectual, na área do Direito, teve o seu nome, por decisão unânime, aposto na Biblioteca do nosso Tribunal Regional Eleitoral.

Foi eleito associado efetivo do Instituto do Ceará a 22 de setembro de 1997 e tomou posse no dia 13 de novembro do mesmo ano, quando foi saudado pelo consócio Marcelo Linhares.

Aroldo Mota é um apaixonado pela História Política de seu torrão natal, paixão que lhe motivou a publicação de inúmeros trabalhos, resultado de uma substanciosa pesquisa que documenta importantes episódios da política local, desde o advento da República até os nossos dias. Refiro-me a série de livros sob o título "História Política do Ceará", publicada a partir de 1985. Entre outros tantos livros publicados, destacamos, ainda, "História Política de Tauá", lançado em 2002.

Concluindo esse panegírico ao consócio que hoje vive em Fortaleza, no aconchego de sua família, pinço de seu discurso de posse, o belo trecho de um poema do vate Estanislau Fragoso Batista, no qual Aroldo, a semelhança desse poeta de sua predileção, identificava no rosto da gente sofrida de sua Tauá, um Cristo Imaginário:

"Eu vi o Cristo
Perdido
Na capoeira seca dos Inhamuns
Seu rosto
Estava queimado
Pelo sol malvado
E seco
Do sertão sem chuva."

Senhoras e senhores.

Acabei, talvez, fazendo desta preleção um discurso mais afetivo, por isso a proposital intenção de citar os nomes de dois ex-presidentes do Instituto do Ceará, Geraldo Nobre (falecido há dez anos) e Renato Braga (nascido há cento e dez anos), do Amigo e associado efetivo Manoel Lima Soares (falecido há vinte e cinco anos) e do historiador Armando Souto Maior.

Para finalizar, gostaria de acrescentar que, por amor à Instituição na qual trabalho há duas décadas, hoje aqui representada pelo seu Subdiretor de Ensino, o Coronel Alfredo Ferreira Nunes, por colegas do corpo docente e por alguns alunos, tenho também procurado, há dez anos, garimpar dados e envidado esforços para preservar a sua fecunda trajetória histórica, educando gerações. Juntamente com os historiadores e amigos Janote Pires Marques e Regina Cláudia Oliveira da Silva, publicamos livros e artigos que decerto contribuirão para futuros trabalhos que esperamos venham a lume, até 2019, quando o Colégio Militar, a Casa de Eudoro Correa, completará seu primeiro centenário.

Ademais, é importante dizer que as duas casas, a de Eudoro Corrêa e a do Barão de Studart, têm historicamente uma estreita e fraternal relação. Herdeiro das tradições da antiga Escola Militar do Ceará, do século XIX, do Colégio Militar do Ceará (1919-1938) e da Escola Preparatória de Fortaleza (1942-1961), o velho Casarão do Outeiro que hoje abriga o

Colégio Militar cedeu ao longo de sua história, desde 1919, alguns importantes nomes que compuseram a constelação de associados efetivos do nosso Instituto do Ceará. Destaco, entre outros, a partir da relação de ex-alunos, professores, militares e comandantes, os nomes dos professores Carlos Studart Filho (nosso ex-presidente), Antônio Martinz de Aguiar, Joaquim Alves de Oliveira, Waldemar Cromwel do Rego Falcão, Djacir de Lima Menezes, José Valdo Ribeiro Ramos, José Parsifal Barroso, Misael Gomes da Silva, José Denizard Macêdo de Alcântara, José Teixeira de Freitas, José Aurélio Saraiva Câmara, Oswaldo de Oliveira Riedel e os nossos atuais associados Paulo Ayrton Araújo e Pedro Alberto de Oliveira Silva. Na qualidade de ex-alunos, além de alguns, anteriormente citados, menciono Raimundo Teles Pinheiro (último comandante da Escola Preparatória de Fortaleza e o primeiro comandante do Colégio Militar, a partir de 1962), Virgílio de Morais Fernandes Távora, Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira (nosso ex-presidente, hoje aqui representado por sua sobrinha e minha colega Inês Maria Cals Theophilo Gaspar de Oliveira), Oswaldo Evandro Carneiro Martins, e nosso atual consócio Affonso Taboza Pereira.

Concluindo este discurso, afirmo que de minha parte tudo farei para dignificar e engrandecer, mais ainda, o nome do Instituto do Ceará, cujo espaço me tem sido, há duas décadas, extensão de minha própria casa. Cônscio das minhas limitações, tenho a exata noção de que o nosso Instituto tem sido o resultado do somatório dos esforços individuais e coletivos de todos quantos nele mourejaram e mourejam ao longo dos seus 128 anos. Pelas obras de seus integrantes, pelo respeito à sua imagem pública em face de suas ações culturais definidas, a Casa do Barão de Studart desfruta atualmente, não obstante as muitas dificuldades enfrentadas, o merecido espaço de destaque na sociedade cearense.

Meu estado de felicidade é tamanho neste momento. É apenas um sonho longínquo, mas alvinitente e alvissareiro, que agora se tornou um fato histórico. Era com certeza o encontro com meu Saci metaforizado, trazido pelo devenir (ou vir a ser), que pode tardar, mas não falta.

Se aqui couber, de minha parte, um juramento, não hesitarei em fazê-lo: assevero que me empenharei para ser mais um guardião e zelador dos tesouros da Casa do Barão, procurando dar meu contributo em favor dessa tradicional Instituição que hoje me acolhe.

(Discurso pronunciado em 26 de março de 2015)